



NO RASTRO DAS MILÍCIAS

Perfil



INSPIRAÇÃO PARA
TROPA DE ELITE 2
O deputado Marcelo
Freixo: como no filme,
ameaças de morte e
proteção policial

OSCAR CABRAL

O filme *Tropa de Elite*, o original, deu um tapa na cara da hipocrisia dos consumidores de droga da classe média, cegos para o fato de serem eles os financiadores dos criminosos abrigados nos morros cariocas. A ação de *Tropa de Elite 2* é bem menos incômoda para os compradores de cocaína e maconha. Nesse sentido, é um filme de menor impacto. O alvo do impoluto capitão Nascimento, o primeiro super-herói brasileiro, são as milícias, grupos de policiais e ex-policiais que expulsam os traficantes e assumem o controle de favelas. Na fita do diretor José Padilha, um político de nome Diogo Fraga lidera a luta contra essas organizações criminosas — cruzada inspirada na trajetória de um amigo, o professor de história e deputado estadual Marcelo Freixo (PSOL), 43 anos. Em 2008, ele presidiu uma CPI que listou 1 000 suspeitos de pertencer às milícias, 225 deles indiciados. Casado e pai de dois filhos, Freixo vive hoje sob ameaça de morte e conta com a escolta permanente de um grupo de policiais, presentes no momento da entrevista que concedeu ao repórter Ronaldo Soares.

As milícias do Rio de Janeiro, retratadas agora em *Tropa de Elite 2*, são tão nocivas quanto o tráfico? Estamos falando de duas organizações ilegais que, à base da intimidação e da extrema violência, vêm se apoderando de territórios da cidade e impondo ali suas regras. As milícias são mais perigosas porque estão infiltradas no poder público. Todo mundo sabe que esses grupos não se constituem apenas de ex-policiais, mas também de agentes da ativa. Eles achacam a população das favelas, cobrando por proteção, e monopolizam o acesso a serviços prestados ilegalmente. Isso vai do transporte em vans à distribuição clandestina de gás. Além disso, elegem seus representantes políticos, quan-



do não são, eles próprios, os candidatos. O filme retrata bem o jogo político que transfere poder a esses criminosos.

Como é esse jogo? Tradicionalmente, políticos ligados à área de segurança do Rio legitimam o poder das milícias simplesmente ao deixar de combatê-las. Fazem isso por apego ao poder. Tal como os traficantes, as milícias exercem domínio sobre uma parcela da população mais pobre. Elas comandam o voto nesses currais e, em troca, recebem o apoio de políticos, que prometem, uma vez eleitos, fazer vista grossa. Um retrato do atraso do Brasil.

Há representantes das milícias entre os vereadores e deputados do Rio? Em 2008, a CPI das Milícias rastreou vários políticos conectados, em algum grau, com esses bandidos — situação que até hoje persiste na Câmara e na Assembleia Legislativa. Na última legislatura, os bandidos elegeram três vereadores e um deputado estadual. Felizmente, não mantiveram o assento nesta eleição. É um avanço que não ocorreu por acaso. A CPI foi decisiva. Nela, pela primeira vez, os milicianos foram tratados pelo que eles são: um bando de criminosos. Até então, a tendência era atenuar sua periculosidade. Isso tem tudo a ver com o perverso caldo cultural do Rio de Janeiro.

Como a cultura local beneficia as milícias? O caldo cultural a que me refiro é uma infeliz combinação de décadas de ausência do estado com uma polícia violenta e o velho clientelismo da classe política. As milícias acabaram sendo vistas com condescendência, como um mal menor e inevitável

“
As milícias proliferam no Rio por uma infeliz combinação de décadas de ausência do estado com uma polícia violenta e o velho clientelismo da classe política. Elas acabam sendo vistas como um mal menor e inevitável. Um atraso”

em locais muito miseráveis e abandonados pelo poder público. Quem defende essa tese argumenta que, se não fosse por elas, o tráfico estaria ainda mais enraizado. Os milicianos aproveitaram e foram alastrando seu raio de ação na última década. Tenho notícias do aparecimento de organizações semelhantes em Pernambuco, mas não há dúvida de que, só no Rio, esses criminosos conquistaram tanto espaço e poder. A presença das milícias aumenta a cada dia.

É possível mensurar isso? Hoje, as milícias controlam 250 favelas e outros bairros pobres da cidade. Quando fizemos a CPI em 2008, elas dominavam 170. Enquanto esses bandos servirem aos atuais interesses econômicos e políticos, eles continuarão a proliferar.

O senhor se sentiu bem retratado em Tropa de Elite 2? Sim, com a única diferença de que, ao contrário do que ocorre com o personagem Diogo Fraga, jamais me casei com a ex-mulher de um subsecretário de Segurança. O resto está lá, até as ameaças de morte. Vivo assim há dois anos. A polícia já descobriu quatro planos liderados por esses bandidos para me assassinar. Em um deles, segundo me relataram os agentes, havia um acordo entre duas facções. Uma desapareceria comigo e a outra pagaria pelo serviço concedendo um quinhão dos territórios sob seu domínio.

Que precauções o senhor toma? Por decisão da Secretaria de Segurança, conto com a escolta de agentes oficiais noite e dia. Eles ficam plantados na porta da minha casa e vão comigo para todo canto. No trajeto de casa para o trabalho, preciso sempre mudar

o caminho. Também não posso passear com minha família sem antes submeter a ideia aos oficiais. Eles avaliam os riscos e planejam tudo. Vários amigos deixaram de me convidar para encontros e festas. Quem está por perto acaba sendo exposto a um risco desnecessário.

O senhor traçaria um paralelo entre as milícias e outras organizações criminosas no mundo? Pesadas as enormes diferenças históricas e culturais, há um claro elo entre a ação das milícias e a da máfia italiana. Ambas se pautam pelo domínio de territórios e pela exploração de atividades econômicas ilegais, incluindo a venda de proteção às pessoas. As duas organizações têm conexões dentro do estado e dois braços distintos — um mais assistencialista e outro repressor, em que a violência atinge seu mais elevado patamar. As estatísticas mostram que as milícias matam até mais do que os traficantes. Em 2009, fui à Itália dar palestras sobre o assunto, a convite da Anistia Internacional. No meio da apresentação, um especialista na plateia me interrompeu dizendo: “Não precisa nem continuar, pois sabemos bem como são essas coisas”.

O senhor vê alguma perspectiva de vitória definitiva no combate a esses bandidos? Com a CPI, demos o primeiro passo. Foram investigadas 1000 pessoas e 225 estão indiciadas. Ao chamar atenção para o problema, a CPI forçou a polícia a se tornar mais eficaz em sua tarefa básica de prender os criminosos. Mas falta um longuíssimo caminho a percorrer — e ele deve passar por uma drástica mudança de mentalidade e de postura das autoridades em relação à bandidagem. ■